

## História e Demografia Histórica

JAYME ANTONIO CARDOSO\*

Há vários anos, muito se tem falado a respeito de uma necessária aproximação entre as diversas ciências humanas, e sempre com especial entonação sobre a urgência de que alguma coisa tem que ser feita. Todavia, os resultados ainda estão sendo aguardados.

Mas, enquanto são aguardados iniciativas e resultados de pesquisas interdisciplinares sugeridas vagamente, uma nova ciência surgiu nos anos 1950, justamente como o resultado de atividades de pesquisadores de dois campos inicialmente separados, a história de um lado e a demografia de outro. Talvez o único "casamento" bem sucedido na interdisciplinaridade científica, e que deu nascimento à "Demografia Histórica".

Em menos de trinta anos de existência, apresenta-se ela com uma riquíssima produção científica, do mais alto nível, com ativos grupos de pesquisadores em todo o mundo, e todos sempre atentos às atividades uns dos outros, reunindo-se periodicamente para trocar idéias sobre suas experiências, e cujos resultados já permitiram mesmo uma nova visão não apenas da história das po-

pulações, mas também sobre muitos outros aspectos da vida das sociedades passadas.

A demografia histórica constituiu-se quando demógrafos, sempre ocupados com o presente, com um momento dado, começaram a interessar-se pela História, e ao mesmo tempo historiadores tiveram suas atenções voltadas para problemas demográficos e passaram a se interessar pela variável demográfica em suas pesquisas de história econômica, social, dos costumes, etc.

Mas o surgimento desta nova ciência não foi consequência do acaso. Ela nasceu num preciso e importante momento do processo de renovação operado na historiografia contemporânea.

Extraordinariamente importantes para a historiografia contemporânea, os anos 1950 marcaram um definitivo e irresistível impulso à chamada Nova História, assim denominada em virtude da autêntica revolução, da profunda renovação da ciência histórica provocada pelos historiadores franceses. Este movimento, iniciado nas primeiras décadas do século, é hoje cinquentenário. Vale a pena lembrar como se processou, pois é nesse contexto que nasce a demografia histórica.

Uma informação estatística recente, de cerca de dois anos atrás, revelava que dez milhões de volumes consagrados à História (sem contar os manuais escolares) eram vendidos por ano na França; que seiscentos mil exemplares de revistas especia-

(\*) Professor do Dept<sup>o</sup>. de História da Universidade Federal do Paraná.

Conferência proferida durante a III Semana de Ciências Sociais no CESULON, Londrina, out. 80, pelo Professor Jayme Antonio Cardoso, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

lizadas eram editados por mês naquele país.

Estas cifras dão uma indicação precisa do interesse pela história, do "apetite" de história, que não se encontra igual em nenhum outro lugar.

Isto pode ser explicado sob dois aspectos. De um lado, "as incertezas do futuro, a aceleração da História, a transformação dos valores e dos costumes, levam nossos contemporâneos na direção das únicas certezas: aquelas do tempo passado. A História é a catedral onde celebrar esta nostalgia, onde redescobrir o que somos através do que fomos". Por outro lado, existe hoje uma nova forma de se fazer história; de uma história que não é mais a história das elites; de uma história que não conta mais, em detalhes, as proezas de reis e de príncipes, de heróis e de vilões; de uma história que não é aquela feita do entrecruzar de destinos excepcionais.

Há, agora, uma história que procura conhecer e explicar a evolução da sociedade através do tempo, uma história preocupada com o presente, preocupada em saber o que do passado, longínquo ou não, está vivo entre nós, pois "que a aceleração da História desencadeia em contrapartida uma exploração mais atenta das permanências, das inércias da história coletiva" (P.Nora).

Esta "Nova História" nasceu já há cinqüenta anos. No entanto, um grande número de pessoas, mesmo entre as de cultura universitária, continua a repetir que o que interessa em história é o fato passado, simplesmente.

Até o início do século, prevalecia a chamada "história tradicional". A história assim chamada fora constituída no século XIX, e seu mérito principal foi o de ter sido responsável pela implantação e sistematização do método histórico, e que fez a grandeza da ciência histórica no século passado. Mas sua preocupação essencial era o acontecimento; um acontecimento, um fato, que nascia espontâneo do documento escrito, este submetido ao rigorosíssimo método histórico, especialmente à crítica externa e interna que visavam a determinar a autenticidade e a veracidade do documento. Se não havia documento, não havia história, era a fórmula célebre. Método para autorizar o uso do documento, documento para comprovar o fato, que juntava-se a outro fato. Para quê? "Para dizer as coisas exatamente como aconteceram".

Assim é que foi construída a chamada "história fática", a "história episódica", que se preocupava com o indivíduo, com o inédito, uma história sobretudo política, diplomática.

A primeira reação a este tipo de história foi levada a efeito pelo grupo de Henri Berr, um filósofo orientado para a história e para a filoso-

fia da história, preocupado, na sua visão de síntese, em organizar a história como ciência, preocupado em fazer desaparecer a separação estrita que havia entre história e economia, entre história e a jovem e expansionista sociologia, preocupado em aproximar historiadores de geógrafos, de filósofos, de sociólogos. Assim é que, nessa época de grande movimentação no campo da ciência em geral, funda em 1900 a "Revue de Synthèse Historique" e o "Centre International de Synthèse".

Para concretizar a obra desse grupo, Henri Berr lança um plano de uma coleção que somente vai surgir após a I Guerra Mundial, e que ainda existe hoje, "L'Evolution de l'humanité. Bibliothèque de synthèse historique".

A história tradicional havia criado um abismo entre o especialista e o homem inteligente não especialista, porque os historiadores "científicos" só forneciam "documentos, fatos, monografias". Em 1911 H. Berr chama a atenção em sua "La synthèse en histoire", dizendo, "afirma-se que é porque a história é muito científica que ela está sem contato com a vida; eu estou convencido de que, ao contrário, é porque ela não o é suficientemente"<sup>1</sup>.

São idéias e posições que vão preparar o futuro, mas nesse período a história se eclipsa ante uma sociologia conquistadora, que se afirma constantemente em torno de Emile Durkheim, e ante uma geografia humana extremamente dinâmica com Vidal de la Blache e Albert Demangeon.

Todavia, nesse mesmo ano de 1911, em Paris, surge uma tese com problemática inteiramente nova: "Philippe II et la Franche-Comté"; seu autor colaborava na revista de Berr e chamava-se Lucien Febvre (1878-1956). No seu trabalho evita o que qualifica de "histoire-tableau", ou seja, aquela história que simplesmente se ocupava em justapor elementos dissemelhantes (econômicos, militares, sociais, vida política, etc.) sem nenhum arranjo e sem preocupação com seu verdadeiro significado. O postulado do qual partia Lucien Febvre era: a interação entre todos esses elementos. A repercussão dessa obra virá muito mais tarde. Mas a "Revue de Synthèse" torna-se a tribuna desse novo historiador, ou como ele diz, foi o "nosso cavalo de Tróia".

Mas, logo, entre os historiadores de ofício, é que vai ser desencadeado um movimento poderoso destinado a abalar a história tradicional, a história "historizante", definida por Lucien Febvre como "uma história imbecil, uma história que define o homem, uma história para papagaios bem adestrados, da qual ninguém saberia se alimentar. Uma história que não sabe nem mesmo se

definir. "Ciência do Passado", assim ela se qualifica de boa vontade, com duas maiúsculas. Uma história na medida do pequeno burguês"<sup>2</sup>.

Ele não irá sozinho. Desde sua tese defendida na Sorbone em 1920, ("Rois et serfs"), Marc Bloch (1886-1944) apresentava um grande problema de história psicológica e social. Sobre seu trabalho e sobre ele, dizia Lucien Febvre, "ele não era desses que faziam história como suas avós fizeram tapeçaria: para passar o tempo e justificar títulos. Ele já refletia sobre seu "métier d'historien". Como historiador jurista ocupava-se das instituições, como historiador sociólogo (o movimento durkheimiano o influencia), interessa-se por tudo o que era, em história, crença coletiva"<sup>3</sup>.

Os dois se unem em Strasbourg. Seus seminários eram de portas vizinhas. Febvre trabalhando com o moderno, Bloch com o medieval; os seus estudantes passavam de uma porta a outra, e os professores com eles.

O primeiro fruto dessa riquíssima convivência vai revolucionar a historiografia do século XX.

Lucien Febvre conta que logo após a I Guerra Mundial concebeu a idéia de uma grande revista econômica internacional, mas que não foi concretizada devido ao encalhe em problemas editoriais, em Genebra.

Em 1928, Marc Bloch propõe a Lucien Febvre o projeto de uma revista francesa com colaboração internacional. Em Strasbourg, a 15 de janeiro de 1929, nasce a revista "Annales d'Histoire Économique et Sociale".

No dizer de Emmanuel Le Roy Ladurie, "no início, os "Annales" procedem de uma quádrupla inspiração. As boas fadas que se cebrucaram sobre seu berço chamam-se, *sociologia durkheimiana; interdisciplinaridade*, cara a H. Berr e sua *Revue de Synthèse; história econômica* dos preços e dos salários, e da conjuntura, como o definiu François Simiand. É preciso sublinhar enfim, quanto aos primeiros Annales, o papel da *escola geográfica* francesa. O marxismo, no sentido não dogmático, exerceu influência positiva sobre a escola dos Annales, mas sobretudo após 1950 e além de 1970"<sup>4</sup>.

De forma simples e rápida, Febvre e Bloch expõem suas pretensões na introdução do primeiro número da revista: uma outra nova revista que pretende um lugar ao sol, mas que "traz dentro de si um espírito que lhe é próprio"; que se preocupa não só com os documentos, mas com o "estudo das sociedades e das economias contemporâneas", pelo trabalho de historiador que se preocupa com

o "presente", propondo que os especialistas que cultivam laboriosamente seu próprio jardim "se esforçassem para seguir a obra do vizinho", levantando-se contra as perigosas posições de isolamento. "Não através de artigos sobre métodos ou dissertações teóricas. Mas pelo exemplo e pelo fato"<sup>5</sup>. As contribuições vieram numerosas e de especialistas de diversas origens.

Além da produção de grandes obras, que se tornaram clássicas no mundo todo (entre outras, "O problema da descrença no século XVI; a religião de Rabelais", de Febvre, e "A sociedade feudal", de Bloch), seus artigos, suas conferências, são de afirmação de uma nova orientação. De uma orientação que, poderosa, agressiva, irá combater e tomar de assalto a história tradicional. O título do último trabalho de Bloch (antes de ser fuzilado pelos nazistas), "Apologie pour l'Histoire ou Métier d'historien", ou aquele de Lucien Febvre que aglutinará seus artigos em que se pronuncia a respeito da nova história, "Combats pour l'Histoire", dão uma boa indicação da posição profissional desses dois extraordinários historiadores.

Contra o culto fetichista do fato, do indivíduo, propõem outro objeto para a história. "O homem isolado, essa abstração; o homem em grupo, essa realidade", dizia Febvre. "Ciência dos homens no tempo", repetia Bloch, "Homens sempre compreendidos no quadro de sociedades de que são membros", acrescentava Febvre.

Contra a imposição do fato saído de documentos escritos, que "induz o sábio, o historiador, a desaparecer ante os fatos" (Bloch), afirma que "elaborar um fato é construir... é fornecer uma resposta a uma questão... Pas de problèmes, pas d'histoire" (Febvre). Construir o fato a partir de todos os tipos de documentos, um poema, um quadro, um drama, palavras, sinais, telhas, "numa palavra, com tudo o que sendo do homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, significa a presença, as atividades, os gostos e as maneiras de ser do homem" (Febvre)<sup>6</sup>.

A revista mudou de título algumas vezes a saber:

- Annales d'histoire économique et sociale (1929-1938)
- Annales d'histoire sociale (1939-1941)
- Mélanges d'histoire sociale (1942-1944)
- Annales d'histoire sociale (1945)
- ANNALES (Économies, sociétés, civilisations) (a partir de 1964).

Após a II Guerra Mundial, morto Bloch, Febvre retoma o ritmo e o combate por um perpétuo rejuvenescimento da História, como se propunha. É por esta característica que a "Escola"

dos "Annales" é também vista como a dos "novos historiadores", ou da "nova história".

Sua disposição é reafirmada ao se dizer "mais ambicioso do que nunca de ação útil, mais ávidos do que nunca da influência benfazeja, mais resolutos a agrupar, em torno do pequeno e resistente núcleo de fiéis, um público alargado de homens que querem se instruir, livremente, sem doutrina estreita, sem catecismo constrangedor"<sup>7</sup>.

Não se pode deixar de mencionar também aqueles que, ainda que à margem do grupo dos Annales, lutavam pela renovação da História, e também estiveram impregnados por seu espírito renovador, tais como Georges Lefebvre, o grande especialista da Revolução Francesa, ou Ernest Labrousse, que no pós-guerra também influenciou Annales com sua história cifrada.

Lucien Febvre vê crescer a área de influência dos Annales. O ano de 1950 é visto como o do triunfo desse grupo. Ele permanece "chefe-de-fila" até 1956, quando falece. Mas não há problema de continuidade, pois o grupo cresce e se renova constantemente. Ele será substituído no comando dos Annales por um outro historiador que colaborava estreitamente com ele há algum tempo. Trata-se de Fernand Braudel, que desde sua tese de 1949 "La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II", havia dado sua importante parcela de contribuição à renovação metodológica da história, da qual vai se tornar o grande inspirador.

Sem dúvida, provocou muitas reflexões sua concepção sobre a multiplicidade do tempo histórico, ao distinguir um

"tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida quotidiana, de nossas ilusões, de nossas apressadas tomadas de consciência... é o tempo dos fatos diversos... E, ao lado desta narrativa, temos o passado da ampla dimensão, dominando o acontecimento, seja em períodos de 10, 20 ou 50 anos... estudo do tempo médio... particularmente necessário para compreender a vida econômica e social... para analisar a curva dos preços, a progressão demográfica, os movimentos dos salários, a produção e o consumo. E em seguida há um tempo longo... a longa duração, a tendência secular. O que a História revela sobre o ângulo da longa duração é um certo número de estruturas, de permanências"<sup>8</sup>.

Fernand Braudel não só impulsiona Annales como desenvolve a 6ª seção da "École Pratique des Hautes Études", onde reúne os maiores

especialistas das ciências sociais, como Lévi-Strauss, R. Aron, Bourdieu, Touraine, Le Goff e onde se revelará uma poderosa geração jovem dos Annales, de que Le Roy Ladurie é um grande representante.

Trabalha intensamente pela aproximação das ciências sociais.

Ernest Labrousse influenciou não só a história econômica, mas também esboçou linhas de pesquisa em história social que entusiasmaram seus discípulos, particularmente François Furet e Adeline Daumard, em especial esta, cuja produção intelectual tem sido extraordinária.

Cresce enormemente a produção historiográfica sob a influência dos Annales, constantemente em busca de renovação não só metodológica, mas também de campos de trabalho. Georges Duby trabalha com as sociedades camponesas; ganha vulto a história das mentalidades que já havia sido desenvolvida por L. Febvre, e depois por Robert Mandrou, Philippe Ariès, e renovada por Michel Vovelle; a partir da história demográfica de Louis Henry e P. Goubert, além das numerosas monografias paroquiais, bem como de estudos sobre mentalidades, é gerada ainda uma história dos costumes (Jean-Louis Flandrin, entre outros); Pierre Chaunu cria um centro francês de história quantitativa. É extremamente extensa a lista dos "novos historiadores".

Enfim, desde Lucien Febvre e Marc Bloch, e precisamente graças à orientação que deliberadamente eles imprimiram a esse grupo, Annales está constantemente procurando caminhos novos, colocando novos problemas, apresentando novas abordagens, abarcando novos objetos. Fiel à sua orientação científica, mas também atenta aos meios de comunicação e em contato com o público. Trabalhando com o passado, mas preocupada com o presente, pois "é finalmente o presente, em princípio melhor conhecido, que se trata de melhor ainda compreender, reunindo sobre ele as luzes do passado"<sup>9</sup>.

Esta é a obra dos Annales, dos seus grandes "chefes-de-fila", como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Ernest Labrousse, a que, Emmanuel Le Roy Ladurie chama de "os mosqueteiros da história", mas entre os quais ele também tem lugar reservado.

Nesses anos 50, através do encontro interdisciplinar de trabalhos desenvolvidos sob a ação dos Annales de um lado, e de pesquisas realizadas sob a ação do Institut National d'Études Démographiques (Paris) de outro, é que nasceu a escola demográfica francesa, preocupada com o passado.

Mas, efetivamente, o que é a demografia histórica, quais são os pontos essenciais de sua me-

todologia, como ela surgiu, quais são seus resultados mais importantes. Que diferencia a demografia histórica da demografia?

Em poucas palavras, demografia é o estudo do estado e do movimento de uma população dada. A. Sauvy distingue duas definições de demografia:

"A demografia pura ou análise demográfica é, em suma, uma contabilidade de homens. Ela registra os fenômenos; mede-os, adota métodos próprios, cria conceitos, constrói modelos, realiza cálculos, faz projeções, estuda as leis matemáticas das populações, etc... A demografia em sentido amplo, ao contrário, estuda os homens em suas atitudes, seu comportamento; preocupa-se com as causas dos fenômenos e com suas conseqüências. Nesse sentido, ela desemboca em um campo imenso, compreendendo numerosas disciplinas..."<sup>10</sup>

Dado que a demografia se ocupa do presente, a demografia histórica seria aquela que faria tudo isso com as populações do passado?

De início é preciso alertar que a demografia histórica não pode copiar os métodos da chamada demografia contemporânea.

Jacques Dupâquier nos dá a diferença:

"O que caracteriza a demografia histórica não é apenas o fato de que ela se interessa pelas populações do passado, mas, sobretudo, que ela tem que elaborar seus próprios dados, tirando partido de fontes que não foram constituídas sob uma ótica científica, mas com um objetivo de controle da população pelas autoridades religiosas, militares, políticas ou fiscais: registros de batismos, casamentos e sepultamentos, listas eleitorais, etc. Impossibilitada que se encontra de copiar os métodos da demografia contemporânea (que dispõe de estatísticas já elaboradas), a demografia histórica deve produzir suas próprias estatísticas, ao preço de um trabalho enorme de coleta, de tratamento e de crítica dos dados..."<sup>11</sup>

Costuma-se definir a demografia dita contemporânea, clássica, ou corrente, como sendo aquela que trabalha com dados da era estatística, e a demografia histórica como a que trabalha com a era pré-estatística. O limite seria variado conforme as datas em diversos países (no Brasil, o primeiro censo data de 1872).

Quer nos parecer que o limite está menos sujeito ao período em estudo e mais à metodologia aplicada, ao enfoque dado. Em outras palavras, podemos aplicar técnicas da demografia histórica

a populações relativamente recentes, para as quais, por exemplo, não existem dados fornecidos pelos censos.

Ou ainda, na palavra do grande mestre Louis HENRY, "a demografia histórica é aquela de todas as populações do passado, próximo ou ongínquo, sobre as quais não se tem nenhuma informação estatística ou uma informação insuficiente"<sup>12</sup>.

Antes da II Guerra Mundial, o interesse pela história por parte dos demógrafos, bem como o dos historiadores pela Demografia, era simplesmente accidental. No entanto, no pós-guerra o fator demográfico aguçou o interesse de ambos, bem como por parte de outros especialistas e da própria área governamental de muitos países. Crescimento demográfico extraordinário dos países em vias de desenvolvimento, controle de natalidade em países desenvolvidos, problemas originais em outros (particularmente França com baixa fecundidade, com grande presença de população de adultos e velhos), tudo isso contribuiu para a procura de respostas a perguntas importantes no campo demográfico.

Os historiadores nunca foram muito atraídos pelos números; porém, a busca de dados mais concretos, mais precisos, para a explicação histórica, torna mais fácil compreender a presença do quantitativo em história (ainda que muitos tivessem sido levados ao exagero de ver o quantitativo como um fim).

Por outro lado, para os demógrafos o passado não tinha interesse algum, estava morto, e o que sempre lhes interessou foi o estudo da população num momento dado, donde seu método de análise transversal. No entanto, uma população que é definida por estruturas, composição, características determinadas, é também a resultante de um longo processo histórico, e, por conseguinte, para melhor compreendê-la, não pode ser deixado de lado um elemento essencial que é a sua perspectiva histórica.

Certamente que há precursores da demografia histórica, mas ela realmente só se constituiu nos anos 50, na França.

Já em 1946, no Institut National d'Études Démographiques de Paris, o grande demógrafo Alfred Sauvy, seu criador, fundou a revista "Population", procurando ainda atrair historiadores para nela colaborar.

O encontro entre historiadores e demógrafos se deve muito aos progressos realizados por eles, durante pesquisas que faziam separadamente, as quais desenvolviam, na expressão de J. Dupâquier,

lançados em pistas falsas: a das crises de subsistência para os historiadores, e a da fecundidade natural para os demógrafos.

Do lado dos historiadores, Jean Meuvret e Ernest Labrousse, em pesquisas sobre a história dos preços, verificam, ao estudar as grandes carestias havidas na época de Luís XIV, que havia evidente concordância entre a alta do preço dos cereais e o aumento da mortalidade (e na revista "Population" escrevem um artigo sobre "As crises de subsistência e a demografia da França no Antigo Regime").

Outros historiadores são entusiasmados e um deles, Pierre Goubert, que estudava a região do Beauvais, em artigo publicado na revista *Annales* (1952), anunciava a idéia de reunir todas as informações relativas a cada família do lugar que estudava, numa só ficha, sendo as informações obtidas em documentos até então inexplorados, os registros paroquiais de batismos, de casamentos e de sepultamentos (sua grande tese sobre Beauvais foi publicada em 1960).

Na mesma época, um demógrafo da equipe de Sauvy no INED, Louis Henry, preocupado com o estudo da fecundidade das populações, pretendia verificar o problema da fecundidade natural, isto é, a fecundidade das populações que não "praticavam nenhuma forma eficaz de limitação dos nascimentos"<sup>13</sup>, como acontecia com os membros da seita anabatista norte-americana dos "hutteritas" e que foi por ele estudada. Pretendia ainda encontrar respostas às freqüentes e numerosas indagações sobre a singular evolução demográfica da França, em especial, quanto à baixa fecundidade.

É então que, ao mesmo tempo que Goubert, mas paralelamente, se interessa pelos registros paroquiais, e juntamente com Michel Fleury, um arquivista concebe uma ficha especial onde concentrar todas as informações contidas nos registros de batismos, casamentos e sepultamentos, concernentes a cada família da paróquia, uma a uma.

Louis Henry elaborou assim, "um método rigoroso de arrolamento e de exploração do antigo registro civil em fichas standardizadas, o que permite medir a idade ao casamento, a repartição dos intervalos entre o casamento e primeiro nascimento, primeiro e segundo nascimento, etc.; permite calcular a fecundidade legítima em função da idade ao casamento, a proporção de mulheres estéreis, permite observar a idade à última maternidade, estudar o futuro das crianças em função da

ordem de nascimento, etc. Assim, ele substitui a análise transversal, fundamentada no estado e na estrutura da população num momento dado, pela análise longitudinal, em que cada acontecimento é medido em função do acontecimento precedente. Este método renovou completamente nossas idéias sobre a fecundidade — mesmo para a época contemporânea — e ela abriu perspectivas até à biologia. Nesse campo, L. Henry contribuiu para fazer a demografia passar da idade da foto para a do cinema"<sup>14</sup>.

Em 1956 é publicado pelo INED o primeiro manual técnico, reeditado em 1965 e 1976 com o título de "Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'État Civil Ancien", de Louis Henry e Michel Fleury. No ano de 1958 foi publicada a primeira monografia de paróquia, de autoria de Henry e Gautier, "La population de Crulai, paroisse normande, étude historique". Tal obra vai se tornar um símbolo na demografia histórica.

Foi surpreendente a rápida difusão e aceitação da nova metodologia, multiplicando-se o número de trabalhos realizados e publicados nos anos 60. Hoje, apenas há vinte e quatro anos da publicação da primeira edição do manual Henry-Fleury, são centenas os trabalhos publicados nessa área.

No dizer de Maria Luiza Marcílio,

"o sucesso da nova ciência está também na convicção cada vez maior de que o embasamento demográfico em qualquer estudo histórico de natureza social, econômica ou cultural é essencial. Por outro lado, as mudanças populacionais não poderiam ser compreendidas ou explicadas isoladamente, mas dentro de um todo orgânico. O caráter multidisciplinar da pesquisa histórico-demográfica mostrou-se desde logo como um dos melhores frutos do enfoque científico"<sup>15</sup>.

As adesões à demografia histórica foram numerosas e não só na França, mas foi nesse país em que essa ciência mais desenvolveu e ganhou maior número de adeptos. É muito difícil, por ser muito extenso o rol, citar todos os que trabalham nessa área, além do seu criador Louis Henry (e cuja obra soma quase três centenas de trabalhos). Mas há que lembrar os nomes de Goubert, Reinhard, Armengaud, Dupâquier, Ariès, Houdaille, Lebrun, Flandrin, Biraben, Valmary, Ganiage, Bardet, Perrot, Poussou, entre muitos.

Um fator de grande importância para tal

desenvolvimento foi a criação da "Société de Démographie Historique", em 1963, por iniciativa de Marcel Reinhard e André Armengaud. Em 1964 foi criada a revista "Études et Chroniques", portavoz da área, e que em 1965 passou a ser denominada "Annales de Démographie Historique".

Em torno da Société e dos Annales reunem-se historiadores, demógrafos, e muitos outros especialistas de origens diversas, num interessante e produtivo contato. Nesse sentido também tem sido muito valiosa a contribuição do "Laboratoire de Démographie Historique", da École des Hautes Études en Sciences Sociales", dirigido por J. Dupâquier.

Não é possível ter a pretensão de, neste espaço tão curto, apresentar e discutir os resultados já obtidos neste campo. Porém, para se ter idéia, há destaques interessantes a fazer e que também indicam a presença de dados novos, a abertura de novas áreas de estudo, proporcionadas pela demografia histórica.

Assim, por exemplo,

"os historiadores demógrafos foram os primeiros que, observando a repartição dos intervalos entre o casamento e o primeiro nascimento em populações do passado, puderam calcular qual era a probabilidade de uma mulher conceber a cada ciclo menstrual. Igualmente, verificou-se que a proporção dos nascimentos de meninos aumentava ligeiramente nos países em guerra, mistério extraordinário para o qual ainda não se pôde encontrar nenhuma explicação válida"<sup>16</sup>.

Em estudos sobre a evolução da população mundial pôde-se determinar que durante os primeiros mil anos da era cristã, a população esteve mais ou menos estacionária, que teve um primeiro impulso no século XII, um outro no século XV que se acelera sem cessar a partir do século XVIII.

A história foi talvez a que maiores benefícios recebeu das pesquisas em demografia histórica, a começar pelo fato de que nessa área, em particular pelo método da reconstituição das famílias, ao contrário de uma história das elites, o que se faz é uma história das massas, dos humildes, dos desconhecidos, acompanhando cada membro de uma família da vida à morte.

Nesse sentido, vários estudos têm desmistificado, para certas áreas, a idéia generalizada sobre a família numerosa e sobre a família extensa (inclusive para o Paraná provincial). Por outro lado, o estudo de movimentos sazonais de nascimentos, de casamentos, permitiram medir pela primeira vez comportamentos, envolvendo matéria de religião, de sexo, de costumes, enfim. Estudos sobre a

mortalidade levaram a pesquisas sobre condições de saúde do homem de outrora, sobre as doenças, epidemias, remédios, higiene pública e individual, cemitérios, atitudes das pessoas face a estes problemas, face à morte.

Mesmo a história da Revolução Francesa, em princípio bastante estudada, recebeu dados novos a considerar, quando foi revelado que na França de 1789 a sua população já era de vinte e oito milhões de habitantes (1/4 da Europa), e que tal condição seria benéfica aos exércitos franceses de um lado e de outro, que tal pressão faria com que os jovens passassem a se casar mais tarde, a ter mais solteiros, a ter dificuldades para trabalhar, e que na época dos grandes movimentos populares Paris contava com uma população flutuante de cerca de cem mil pessoas.

Fora da França, os estudos dessa área ganharam impulso em outros países da Europa, especialmente na Grã-Bretanha (T. Hollingsworth e o grupo de Cambridge com Wrigley, Eversley, Laslett, e outros), na Bélgica (E. Hélin, Mols, Deprez, etc.), na Espanha (Nadal), na Itália (Livi-Bacci, Benini, Leti, etc.), na Alemanha (Imhof) e ainda no Japão (Hayami, Yamamura), no Canadá (que vem se tornando um dos maiores centros de Demografia Histórica, em particular com H. Charbonneau, Henripin, etc.).

Na América Latina, alguns trabalhos isolados e esforços realizados com o estímulo do Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE). No Brasil tem sido muito bom o desenvolvimento de pesquisas em história demográfica. Foi de grande importância para isso o trabalho pioneiro de Maria Luiza Marcílio, em particular aquele que se constituiu na primeira aplicação ao Brasil da metodologia Henry-Fleury, no que diz respeito à exploração sumária de dados dos registros paroquiais, consubstanciados na tese "La ville de São Paulo: peuplement et population 1750-1850", de 1968 (recentemente editada em português). Maria Luiza Marcílio tem sido também a representante latino-americana mais assídua às reuniões da Société de Démographie Historique.

Desde o início de 1970, o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná publicava, em seu boletim de nº 10, os três projetos departamentais que englobavam as pesquisas ali em curso. O projeto nº 3 intitulava-se "História Demográfica do Paraná", e propunha a seguinte problemática para sugerir as linhas de pesquisa:

"A sociedade paranaense, constituída nos séculos XVII, XVIII e XIX, foi uma sociedade heterogênea, composta por índios,

européus e africanos, e marcada também pela escravidão. A participação econômica e social de escravos, na formação do efetivo populacional paranaense, foi bastante significativa e persistiu durante um longo período, imprimindo-lhe características que o identificaram com aquelas do modelo clássico da população brasileira. Entretanto, estas características de identidade e aproximação tornaram-se menos visíveis à observação qualitativa, porque o quadro demográfico do Paraná foi substancialmente alterado, durante a segunda metade do século XIX, pelas transformações econômicas da sociedade tradicional paranaense. A desagregação da sociedade campeira ocasionou, de um lado, a evasão da força-de-trabalho, representada pelos escravos, vendidos em grande parte no mercado interno, e, de outro lado, a entrada de novos contingentes populacionais, representados pelos imigrantes. Estes indicadores, aliados a outras ocorrências havidas na sociedade global brasileira, contribuíram de modo ponderável para transformar a estrutura demográfica dominante no Paraná<sup>17</sup>.

Tal projeto recebeu a adesão de grande número dos professores do Departamento de História. A partir do final de 1972, é dado o impulso maior aos estudos dessa área, com a implantação dos Cursos de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Paraná (o primeiro no Brasil a receber credenciamento do Conselho Federal de Educação e reconhecido como Centro de Excelência pelo Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq), com duas áreas de concentração: História Econômica e História Demográfica (mais tarde foi incluída uma terceira opção, a de História Social).

Mesmo sendo livre a escolha do tema da Dissertação de Mestrado, foram muitos aqueles da opção História Demográfica que optaram por um tema que se insere nesta linha proposta pelo projeto História Demográfica do Paraná.

Integrante do corpo docente desse curso como Professor Visitante, Louis Henry ali esteve ministrando curso em 1974, orientando pesquisas, estimulando a demografia histórica no Paraná (depois dele vieram H. Charbonneau e J. Dupâquier para esta área de concentração). Do curso de Louis Henry resultou um manual especialmente elaborado para aproveitamento das fontes paranaenses e brasileiras, e que foi editado pela Universidade Federal do Paraná em 1977<sup>18</sup>.

Há seis anos começaram a ser apresentados alguns resultados, e já é de vinte e dois o número

de dissertações defendidas para a obtenção do título de Mestre em História do Brasil na opção História Demográfica (entre as 45 do total de dissertações até agora apresentadas).

Além desses trabalhos ligados ao curso de pós-graduação da UFPr., outros foram desenvolvidos, tais como o de Altiva Pilatti Balhana, "Famílias coloniais", onde se realizou por primeiro no Brasil a aplicação do método da reconstituição de famílias, neste caso aplicado a uma comunidade de origem imigrante italiana; o de Sergio Odilon Naldin, que paralelamente fez o mesmo para uma comunidade de origem alemã ("Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté évangélique luthérienne a Curitiba entre 1866 et 1969", tese defendida em Paris sob a direção de L. Henry); o de Jayme Antonio Cardoso ("Essai d'utilisation des listes électorales dans l'étude de la population do Paraná-Brésil-vers 1870", tese defendida em Paris sob direção de L. Henry), onde procura verificar a possibilidade de utilização de listas de votantes do século XIX em estudos demográficos; o de Ana Maria de Oliveira Burmester que nos próximos meses defenderá tese de doutorado em Montréal, Canadá, com trabalho orientado por H. Charbonneau e que constitui a primeira tentativa no Brasil de aplicar a metodologia de reconstituição de famílias a uma população de origem luso-brasileira.

Em todos os casos tem havido a preocupação de adaptar a metodologia proposta às nossas condições reais de pesquisa, como o próprio L. Henry recomenda ("A análise deve ser adaptada à diversidade de situações").

## EM CONCLUSÃO:

Se a demografia histórica é integrante também do campo demográfico, é bom não esquecer quando somos historiadores, e portanto atentos à evolução da sociedade que pretendemos explicar.

Entendemos o quantitativo na História como um instrumento de trabalho, e não como um fim em si mesmo. Entendemos que a história demográfica não é simplesmente a aplicação de técnicas demográficas à história, mas uma história também social, abrangente, que procura conhecer os homens vivendo em sociedade; que tem também, quando isto se faz necessário, abordagens específicas, técnicas quantitativas e demográficas próprias, mas que são sempre instrumentos, pois que, voltados para a história regional, nossa preocupação é contribuir para o fim último que será sempre o de procurar constituir um quadro tão completo quanto possível da sociedade paranaense, por definição aceita da própria orientação de



pesquisa do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Por conseguinte, esta orientação, no sentido mais amplo, pede que não percamos de vista a tentativa de descobrir "o que somos através do que fomos", de verificar como viviam nossos antepassados, como se alimentavam, como se vestiam, que atividades exerciam, como e porque, sob que condições viviam, o que pensavam da vida, da morte, da doença, finalmente, definir as estruturas econômicas, sociais, demográficas, políticas, os valores culturais, religiosos, dessa sociedade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – Citado por FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris, A. Colin, 1953, p. 10.
- 2 – FEBVRE, Lucien. De l'histoire au martyre: Marc Bloch, 1886-1944. *Annales d'Histoire Sociale*. Paris, 7:5, 1945.
- 3 – ———. *Combats pour l'histoire*, p. 392.
- 4 – LE ROY LADURIE, E. Les mousquetaires de la "nouvelle histoire". *Le Nouvel Observateur*. Paris, 07 jan. 1980, p. 59.
- 5 – BLOCH, M. & FEBVRE, L. A nos lecteurs. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Paris, 1 (1) : 1-2, jan. 1929.
- 6 – FEBVRE, L. Combats pour l'Histoire, p. 428.
- 7 – FEBVRE, Lucien. A nos lecteurs. *Annales d'Histoire sociale*. Paris, 7: i, 1945.
- 8 – BRAUDEL, F. O historiador do cotidiano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 dez.

1971, Especial/4.

\* Hoje "École des Hautes Études en Sciences Sociales".

- 9 – BRAUDEL, F. La catalogue, plus, 'Espagne, de Pierre Vilar. *Annales*. Paris, 23 (2) : 338 mar /abr. 1968.
- 10 – SAUVY, Alfred. *Elementos de demografia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 16.
- 11 – DUPÂQUIER, J. **A contribuição da demografia à História**. Conferência proferida na Universidade Federal do Paraná, nov. 1979.
- 12 – HENRY, L. *Manuel de démographie historique*. Paris, Droz, 1970. p. ix.
- 13 – HENRY, L. *Démographie, analyse et modèles*. Paris, Larousse, 1972. p. 121.
- 14 – DUPÂQUIER, J. Histoire et démographie. *Population*. Paris, 32: 302, set. 1977. Número especial.
- 15 – MARCILIO, M.L. Introdução. In: ——— (org.) *Demografia histórica*, São Paulo, Pioneira, 1977. p. 9.
- 16 – DUPÂQUIER, conferência.
- 17 – BALHANA, A.P. História demográfica do Paraná. *Boletim da Universidade Federal do Paraná*. Departamento de História. Curitiba (10) : 28-9, 1970.
- 18 – HENRY, Louis. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977. 165 p.